

Trad.: Eduardo Henrik Aubert

O gênero épico (*epische Dichtart*) é o mais simples de todos. Ele organiza uma multiplicidade ilimitada de objetos possíveis, externos, conectados por elos causais por meio da homogeneidade da matéria e do arredondamento dos contornos em uma unidade apenas sensorial!² Essa harmonia épica é tão inteiramente distinta da completude dramática quanto um enredo poético o é de uma massa indeterminada de acontecimentos poéticos. Quando o propósito foi inteiramente executado, a peripécia (*Verwicklung*) foi completamente resolvida, o propósito foi derivado da atitude, e o acaso do destino, então o enredo poético é um todo completo, acabado em si mesmo; e, por essa mesma razão, o escopo da tragédia também é consistentemente determinado e completamente limitado. O poema épico, no entanto, de forma alguma representa um único enredo poético (*poetische Handlung*) completo, mas uma massa indefinida de incidentes, entre os quais, é verdade, um incidente principal e um herói principal emergem, aos quais todos os outros se seguem; assim como em uma pintura lindamente ordenada, as figuras secundárias devem ser agrupadas em torno de uma figura principal, apenas com a diferença de que, na pintura fluida, no poema épico, os grupos mudam. A figura, ou o grupo, que era o ponto central e a massa principal do todo, logo recua para o plano de fundo, de onde outras figuras e grupos agora vêm à luz.

Portanto, o escopo do poema épico também é inteiramente ilimitado: pois cada incidente é um elo em uma série interminável, a sucessão de incidentes anteriores e o germe de incidentes futuros. Todo poema genuinamente épico e harmonioso, cuja unidade não é genealógica, histórica ou dramática, começa, como Horácio apropriadamente observa, segundo os antigos críticos da poesia homérica, no meio.³ A narrativa poética pura, que não tem um propósito definido, mas busca apenas a plenitude e a harmonia sensorial, não conhece, por sua natureza, nem começo nem fim. Desde que o material permaneça o mesmo e os contornos possam ser arredondados, as pequenas massas podem se transformar em massas sempre maiores. Dê ao poeta épico espaço e tempo: ele não terminará até que tenha esgotado seu material e tenha completado uma visão completa de todo o mundo que o cerca, como a que a poesia homérica proporciona. Admiradores enviesados de épocas posteriores interpretaram erroneamente essa bela visão de mundo do poeta épico como a enciclopédia sistemática de um historiador universal.

O próprio Homero parece ter dado a entender esse escopo indefinido. Ele fala do espanto e do prazer que o cantor desperta:

“que para os mortais
canta palavras encantadoras, que os deuses lhe ensinaram,”

e acrescenta:

¹ F. SCHLEGEL. Über die homerische Poesie [1796]. In: F. SCHLEGEL. *Studien des klassischen Altertums*. Ed. e intr. Ernst Behler. Paderborn/München/Wien: Verlag Ferdinand Schöningh; Zürich: Thomas-Verlag, 1979, p. 116-132, aqui p. 124-127.

² O filósofo poderá deduzir facilmente dessa explicação seu fundamento e as divisões dos gêneros (*Dichtarten*) que ela pressupõe. Se, no entanto, parecer propositado, acrescentarei às minhas futuras investigações sobre a poesia homérica uma teoria completa do gênero épico.

³ Hor.*Ars.* 148.

“e todos desejaram ardentemente ouvi-lo, cada vez que canta.”⁴

Nenhum conhecedor da poesia homérica afirmará que ele retratou o infinito ou que a busca pelo infinito tenha se tornado consciente nele. Mas todo amigo de Homero sabe que ele abre uma perspectiva ilimitada, por assim dizer, e estimula a expectativa do infinito. Pois ele não desperta nenhuma expectativa determinada do desenvolvimento de um germe, do desatamento de um nó, da consumação de uma intenção, nem mesmo de um determinado tipo de matéria, mas antes uma expectativa absolutamente indefinida e, portanto, uma expectativa de simples abundância em geral em direção ao infinito.

No poema épico, na verdade, não há peripécia e resolução, como no poema dramático e até mesmo no lírico. Cada ponto da corrente épica contém tanto tensão quanto satisfação. É por isso que, de acordo com a observação apropriada de Platão,⁵ o poema épico é o mais apropriado para a idade loquaz. A comédia requer uma abundância de vitalidade fresca, que é peculiar apenas à juventude; o poema lírico e o trágico requerem um desenvolvimento, uma tensão, da qual o velho não é mais capaz. O estímulo suave do poema épico, ao contrário, não é extenuante e cansativo porque não tem uma direção definida. Mas ele só pode ter seu pleno efeito em uma imaginação que tenha sido enriquecida por muita experiência, cuja abundância ele beneficentemente anima e embeleza e harmoniosamente completa; pois o menino sem experiência do mundo dificilmente pode compreender plenamente a bela visão do mundo.

Mas o que desperta uma expectativa de infinito é precisamente o maravilhoso (*das Wunderbare*), que é, no entanto, um componente essencial do gênero épico, mas não com os mal-entendidos habituais. Pois não se deve incluir no conceito puro de maravilhoso nenhuma característica accidental de deuses fictícios e coisas assim, e deve-se distinguir cuidadosamente o maravilhoso do aventuroso. Essa variedade do maravilhoso surge quando a busca pela plenitude em geral perde seu verdadeiro objeto e é direcionada para um determinado tipo de matéria. Isso só pode acontecer às custas da unidade, da conveniência e da naturalidade, que distinguem o genuinamente maravilhoso do aventuroso. O aventuroso foi natural a todos os povos cujo desenvolvimento foi apenas unilateral e originalmente enviesado. Entre os gregos, ele só pôde ter lugar quando a busca dos poetas pela completude mediante a perfeita modelagem da matéria havia atingido o ápice da formação natural, e só pôde se renovar por meio de um desvio.

A explicação fornecida do gênero épico não é uma dedução arbitrária de uma experiência incompleta, mas um conceito puro, cuja derivação originária pode ser justificada da maneira mais rigorosa a partir de leis necessárias do espírito humano. Um juízo artístico detalhado sobre a poesia homérica poderia muito bem confirmar que ela é realmente um arquétipo perfeito do gênero épico; e uma investigação completa do sistema de educação dos gregos mostraria como era possível, de fato natural e necessário, que a peculiaridade grega pudesse também aqui, pelo favor da natureza, ser o arquétipo do puramente humano e fornecer noções correspondentes às leis e conceitos puros da razão.

Desse exemplo completo, Aristóteles pôde tomar emprestadas as características individuais da epopeia; isso embora ele, que só sabe classificar a arte de acordo com os instrumentos da

⁴ Hom.Od.17.518ss.

⁵ Tom. VIII, 69, ed. Bip.

representação,⁶ as relações do representado⁷ e do representando com a realidade,⁸ não tenha sido capaz, na infância⁹ da ciência, de chegar ao conceito correto de um tipo puro de poesia. Sim, não se pode negar que ele percebeu o caráter genuinamente épico da poesia homérica, mesmo que ele não soubesse como conciliar suas observações corretas com seus conceitos incorretos. Ele observa elogiosamente que somente Homero está livre da interferência indecorosa de acréscimos líricos. Ele também foi induzido ao erro pela tendência geral de sua época e de seu povo de reinterpretar a poesia homérica como tragédia. Porém, ele observou com fidelidade e agudeza; o pesquisador honesto amava a verdade – raro elogio! – mais do que sua própria opinião e, sem se intimidar com a necessidade de corrigir inteiramente seus conceitos, ele preferia se envolver em contradições a negar a si mesmo fatos evidentes.

Ele reconhece que o maravilhoso, indecoroso na tragédia, está inteiramente em seu lugar no poema épico. Ele reconhece a ausência de limite de episódios do poema épico, que também se estende à menor parte dele e que fundamenta a diferença entre a imagem e a parábola épicas e as da lírica e da tragédia. Suas sugestões apropriadas e ricas sobre a linguagem, o ritmo e a harmonia do poema épico serão citadas em detalhe. [...]

⁶ Poet.1

⁷ Poet.2. O poeta representa os homens como eles devem ser, como eles realmente são ou ainda piores do que são.

⁸ Todo poema é narrativo (em que o poeta sempre fala em sua própria pessoa; segundo Platão, sobretudo no gênero ditirâmico), imitativo ou misto; uma divisão que já é encontrada em Platão e ainda se encontra nos gramáticos mais recentes.

⁹ A elevação, a severidade e a pureza das exigências morais na doutrina grega na arte degeneraram quase ao mesmo tempo que o próprio gosto. A esse respeito, a filosofia do belo em Aristóteles já estava em decisivo declínio.